

# O PORTUGUÊS DO POSTO INDÍGENA GUAPORÉ: BREVE HISTÓRIA DO CONTATO LINGÜÍSTICO

*Alzerinda de Oliveira Braga  
Ana Cláudia Pinto Bastos  
Universidade Federal do Pará*

- **RESUMO:** *Este artigo apresenta alguns dos fenômenos lingüísticos que caracterizam o português falado no P. I. Guaporé e, através de um confronto com dados históricos, fazemos uma reflexão sobre a gênese desta variedade de fala, mostrando como esta variedade está sendo rapidamente assimilada por um português padrão regional, distanciando-se da sua origem de português de contato.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Português; Contato Lingüístico; Continuo Lingüístico.*
- **ABSTRACT:** *In this work we present the dialect of the portuguese spoken in the Guaporé Indigenous Post and based on historical facts we make a reflection about its origin showing how fast this dialect is changing and losing its initial characteristics of a language of contact.*
- **KEY WORDS:** *Portuguese; Linguistic Contact; Linguistic Continuous.*

## 1 INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que o produto lingüístico resultante das situações de contato entre línguas é determinado pela história sociolingüística dos falantes (Thomason & Kaufman, 1988, p. 35), pretendemos mostrar neste trabalho um pouco da história do contato entre os povos que hoje habitam o Posto Indígena (P. I.) Guaporé e outros representantes da sociedade brasileira, falantes de português, que chegaram na região do médio Guaporé. O nosso objetivo é compreender por que o português falado naquela comunidade apresenta características como as que mostraremos neste trabalho.

De um modo geral, o estudo do português falado em área indígena não tem sido objeto de estudo freqüente dos lingüistas. Temos conhecimento de apenas dois trabalhos: o estudo do português de contato do Parque Indígena do Xingu (Emmerich:

1992) e o estudo feito sobre o português Kamayurá (Silva: 1988). Por esta razão é que iniciamos um projeto de pesquisa chamado O Português do P. I. Guaporé, que objetivava a análise e descrição deste português. O presente artigo é um dos resultados deste estudo. Os dados utilizados fazem parte de um Banco de Dados, constituído por narrativas orais e entrevistas pessoais, que foi organizado pelas autoras deste artigo e mais duas bolsistas de Iniciação Científica, Jaqueline Brandão da Silva e Cleise Cristina Dantas de Sousa, com o objetivo de documentar e registrar a variedade de português falado no P. I. Guaporé.

## 1 O P. I. GUAPORÉ

O P. I. Guaporé, situado à margem direita do rio de mesmo nome no Estado de Rondônia, abriga hoje uma grande parte da população indígena da região. Atualmente nove etnias compõem essa comunidade, a saber: Makorap, Jabuti, Canoé, Wayoró (Ajuru), Tupari, Arikapô, Aruá, Massaká e Cujubim, que juntos formam uma população de aproximadamente 300 pessoas (Braga, 1992, p. 14). Três desses grupos são os majoritários em termos populacionais: Makorap, Jabuti e Canoé; e cinco preservam ainda suas línguas nativas: Ajuru, Tupari, Aruá, Jabuti e Makorap. A língua arikapô possui apenas dois falantes, não sendo mais usada, portanto, para fins comunicativos. A língua Canoé não é mais falada, pois há apenas um homem que ainda lembra a língua do seu povo. Os Massaká e Cujubim perderam a língua tradicional e falam somente português. Todas essas línguas estão em processo de extinção não sendo mais aprendidas como primeira língua pelas crianças. O lugar de primeira língua foi ocupado pela língua portuguesa. Embora as crianças e grande parte dos jovens não falem mais a língua de seus pais e avós, muitos deles a compreendem. Dentre estas línguas as mais faladas são Makorap, com aproximadamente quarenta falantes, e Jabuti, com aproximadamente vinte falantes. As outras línguas têm menos de dez falantes cada (Braga, 1992, p. 15). O português é a língua utiliza-

da para a comunicação diária.

Do ponto de vista da classificação lingüística, Ajuru, Aruá, Makorap e Tupari são classificadas como Tupi (Rodrigues, 1986, p. 46); Jabuti, Arikapô, Canoé e Massaká são línguas isoladas (Rodrigues, 1986, p. 98); e sobre os Cujubim não temos nenhuma informação.

## 2 A HISTÓRIA DO CONTATO

Os primeiros contatos entre a população indígena que hoje habita o P. I. Guaporé e a sociedade envolvente deram-se no início do século XVII<sup>1</sup> e decorrem das expedições pioneiras, da fundação de missões jesuíticas e da militarização das fronteiras espanhola e portuguesa, em virtude da importância estratégica da região do Guaporé, que originou uma política de ocupação e defesa interessada na manutenção dos indígenas em seus territórios e na cooptação dessas populações em caso de guerra. Neste período, as relações de contato eram contraditórias: a mão-de-obra indígena era amplamente utilizada na navegação, mas isso não impedia que os colonos, moradores não-índios fixos na fronteira, caçassem índios à bala (Meireles, 1991, p. 224).

Até o início do século XX, houve um profundo silêncio histórico sobre os grupos que hoje habitam o P. I. Guaporé; grupos como os Makorap, Wayoró, Jabuti e outros permanecem "desconhecidos" durante todo este período. Segundo Meireles (1991, p. 225), isso ocorreu porque os grupos Tupi dos afluentes da margem direita mantiveram-se afastados das margens do Guaporé e somente se aproximaram desse rio após a desagregação de suas aldeias tradicionais.

Quando esses grupos "desconhecidos" surgem na literatura sobre o Guaporé, eles já se encontram incorporados à força

<sup>1</sup> Nesta época os grupos indígenas do P. I. Guaporé juntamente com outros grupos, envolvidos no contato (Mekens, Puruborá, Kuruaná, Abitana-Huanyam, Urunamakan e Kujuna) moravam em seus territórios tradicionais distribuídos pelos afluentes do rio Guaporé. (cf. Meireles, 1981, p. 230)

de trabalho dos seringais. Entre 1910 e 1920, por exemplo, foram fundados os seringais do Colorado e do Rio Branco, que absorveram mão-de-obra Makorap, Wayoró, Jabuti, Arikapu e Aruá. Um dos seringais mais importantes foi sem dúvida o São Luís que cooptou vários grupos indígenas como (além dos já citados) os Tupari que mantiveram seu primeiro contato com os “brancos” em 1927.

Esse contato de falantes de línguas diversas resultou a princípio em uma situação de impasse lingüístico. Duas eram as necessidades básicas: os grupos de trabalhadores (até então todos indígenas) precisavam se comunicar entre si e com os administradores dos “barracões” (falantes de português e/ou espanhol). Para a comunicação intertribal foi adotada a língua Makorap, talvez por este grupo ser majoritário e ter sido influente e temido no passado. Na comunicação administrador-seringueiro, os dados apontam para o domínio do português; entretanto, num primeiro momento, nem todos os indígenas precisavam aprender esse idioma uma vez que os administradores (pelo menos no seringal São Luís) preferiam lidar com os representantes deles; assim, segundo Caspar (1957, p. 161), o cacique passou a exercer funções diferentes das que desempenhava na maloca agora era entendido como uma “espécie de capataz”. Após a Segunda Guerra Mundial entretanto, com a contratação de seringueiros estranhos falantes de português e que em São Luís superaram o número dos índios do “barracão”, os nativos passam a ter maior contato com a língua portuguesa e necessidade real de aprendê-la para se comunicar com os novos companheiros de trabalho. Assim, esboça-se a concorrência entre essa língua e a Makorap na delimitação de suas fronteiras de uso.

Uma das conseqüências mais graves do contato foram as terríveis epidemias que quase dizimaram as populações nativas. Um interessante trabalho sobre o estado de saúde dos Makorap, Wayoró, Jabuti, Arikapu e Tupari realizado por Scolnik (1955) detecta inúmeras enfermidades (dentre elas: inchaços de baços, fígados e ventres; gengivites; cáries; perdas de dentes; bócio; cefaléia; dor de barriga), muitas das quais provocadas por hábitos

recém-adquiridos como o consumo de diversos tipos de conservas, bem como o consumo de sal, açúcar e álcool; entretanto, os resultados desta pesquisa realizada em 1948 não mencionam os estragos deixados pelas epidemias. Ainda em 1920, uma epidemia de sarampo quase extermina os Aruá após contatos desses com os caucheiros. Entre 1927 e 1934 foi de defluxo (catarro) a epidemia que invadiu os “barracões”, centro da exploração da borracha; no último ano desse período, novamente as epidemias de sarampo fazem vítimas, desta vez entre os Jabuti, que, desesperados, abandonam definitivamente suas aldeias e, na tentativa de sobreviver, concentram-se nos “barracões”. Nos anos de 1953 e 1954, os índios do “barracão” São Luís são atingidos novamente pelo defluxo e pelo sarampo.

Mas não foi apenas para escapar de doenças que os grupos indígenas foram gradativamente abandonando suas aldeias pelos “barracões”. Desde 1934, segundo o único representante do grupo Mequen que residiu no P. I. Guaporé até a morte de sua esposa Makorap, esses índios teriam abandonado suas aldeias para se tornarem caucheiros. Em 1950, o seringalista João Rivedo convence os Makorap a se mudarem definitivamente para o seringal São Luís. Entre 1953 e 1954, outros grupos são induzidos ao abandono de suas malocas; nesse período todos os seringais já haviam sido comprados por um único dono a quem se atribui a responsabilidade direta pela dispersão dos índios pelos seringais e pelo agravamento da situação precária em que viviam.

A situação nos seringais sempre foi calamitosa. Dados de 1934 do seringal São Luís revelam que a pinga era utilizada largamente em substituição da chicha, havia castigos físicos e as índias eram usadas como prostitutas. Como já foi visto a assimilação do álcool e de outros costumes do colonizador pelos indígenas trouxe sérios problemas de saúde aos grupos indígenas. Quanto à prática de castigos físicos, o saldo foi negativo; em 1937, revoltados, os Makorap matam o administrador de São Luís, que os tratava com extrema violência. Também a utilização das índias como prostitutas tendeu a se agravar, uma vez que, com a alta mortalidade indígena e o aumento do preço da borra-

cha após a Segunda Guerra Mundial, foram contratados muitos seringueiros não-indígenas que tomavam índias como concubinas ou amantes ocasionais, pagando com sabonetes, perfumes, tecidos e outros. Embora no Rio Branco o número destes estrangeiros nunca tenha superado a centena, era superior ao de indígenas no “barracão” de São Luís, gerando inevitavelmente um choque para a comunidade ali estabelecida (Caspar, 1957. p. 149-50).

Outras também foram as interferências do mundo e dos interesses do colonizador sobre os indígenas. Duas das mais perturbadoras foram: primeiro a retirada de indivíduos Makorap, Aruá e Jabuti, em 1933, de São Luís e de aldeias próximas, que foram levados contra a vontade por um funcionário do Serviço de Proteção aos Índios a uma colônia de trabalhadores próxima a Guajará-Mirim; depois a alta mortalidade ocorrida na transferência, feita pelo governador do Território do Guaporé em 1940, de índios do Ji-Paraná para suprir carências de mão-de-obra no Guaporé. Outras interferências que pretendiam ser importantes absolutamente não foram sentidas, como a criação da 9ª Inspetoria Regional do Serviço de Proteção aos Índios, em 1946, que não interveio na situação dos seringais, e a existência do P. I. Ricardo Franco, cuja população (61 pessoas em 1961; 43, em 1962 e 30, em 1963) só ia diminuindo.

A interferência decisiva deu-se em 1970, quando foi iniciada a transferência de índios dos seringais para o P. I. Guaporé, antigo P. I. Ricardo Franco. Isso se deu após ter sido denunciada por intermédio de relatórios a situação de semi-escravidão em que viviam estes indígenas. Em 1973, os Makorap são levados ao P. I. Guaporé; três anos depois a área é demarcada. Finalmente, em 1985, os Tupari expulsam os últimos seringueiros, marcando o início de uma nova fase na vida destas comunidades.

Como acabamos de ver, o contato dos falantes de línguas indígenas diversas entre si e com a sociedade nacional resultou em um impasse lingüístico que se solucionou com a adoção da língua Makorap para servir de meio de comunicação entre os vários grupos, ou seja, como a língua de contato, enquanto o português ficava restrito às relações administrador-seringueiro. A prin-

cípio, quando o número de Makorap era superior ao de indígenas falantes de outras línguas e de falantes de português, aquela língua pôde se impor; mas com as epidemias e a redução drástica da população indígena, o português foi ganhando espaço. Posteriormente, após o término da Segunda Guerra Mundial, a ida de trabalhadores falantes de português para os seringais com a finalidade de suprir carências de mão-de-obra deu novo impulso à utilização deste. Neste período deve ter iniciado o processo de mudança de código por que vêm passando os grupos indígenas em questão. O português adquirido pelos indígenas nos seringais, entretanto, não foi o português culto padrão, mas o português dos humildes e analfabetos, presumivelmente, já cheio de marcas lingüísticas influenciadas por esses fatores extralingüísticos; uma prova desta afirmativa pode ser encontrada a partir do exame dos dados lingüísticos colhidos por Silva (1995, p.12) em que, conforme ela mesma afirma, “constatou-se que alguns fenômenos que ocorrem naquela variedade de fala já são encontrados em outras variedades (...)”. São estes fenômenos que veremos a seguir.

### 3 CARACTERÍSTICAS DO PORTUGUÊS FALADO NO P. I. GUAPORÉ

Para a classificação e apresentação dos fenômenos lingüísticos que caracterizam o português do P. I. Guaporé, separamos os fenômenos em dois grupos: os que são encontrados em outros dialetos do português e os que são exclusivos da fala da comunidade indígena em questão.

#### 3.1 FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS DO PORTUGUÊS DO P. I. GUAPORÉ ENCONTRADOS TAMBÉM EM OUTROS DIALETOS

### 3.1.1 Fonologia

#### Monotongação

ei → e

primeira → *primera*

peixi → *pexi*

bananeira → *bananera*

ou → o

pegou → *pegô*

outru → *otru*

roucu → *roku*

ouvi → *ovi*

roubandu → *robandu*

ai → a

baixa → *baxa*

debaixo → *debaxo*

#### Troca da fricativa palatal /ʃ/ pela glotal /h/

- mesmo → *mermu*

- mais → *mar*

#### Queda da fricativa glotal /h/ no final de sílaba

- caçador → *caçadó*

- mulher → *mulhé*

- irmão → *imãü*

- entrar → *entrá*

- espingarda → *ispingada*

#### Elevação da vogal /o/ para /u/

- embora → *umbura*

- torou → *turu*

- procurar → *prucurá*

- bota → *buta*

#### Epêntese da nasal /ɲ/

- viemos → *vinhemu*

- vieram → *vinheru*

#### Queda da nasal palatal /ɲ/

- pouquinho do → *poquũ<sup>2</sup>*

- tinha → *tia*

- cozinhar, cozinham → *coziá, coziaru*

### 3.1.2 Morfossintaxe

*Não-obrigatoriedade da concordância nominal de número quando o plural é expresso lexicalmente pelo determinante no SN*

- o chefe recolheu todas as caboclas → *o chefe recolheu caboca tudinho*

- eles dois não foram batizados → *ele doi num foi batizado*

*Não-redundância da concordância nominal de número quando o plural é expresso gramaticalmente pelo determinante no SN*

- os professores → *os professô*

- esses índios Tupari, Makorap, Ajuru... → *esses índio Tupari, Makorap, Ajuru...*

- os homens acordaram → *os home acordaro*

*Não-redundância da concordância verbal quando o plural é expresso lexicalmente e/ou gramaticalmente pelo determinante do SN sujeito*

- os dois são biribás → *os doi é biribá*

<sup>2</sup> O trema que aparece sobre as vogais *i* e *u* é para marcar a nasalidade.

*Uso de verbo na 3.a pessoa do singular com sujeito de 1.a e de 2.a pessoa*

- eu m<sup>o</sup> → *eu m<sup>o</sup>i*
- eu joga bola → *eu joga bola*
- eu faz (faço) colar → *eu fai colá*
- quando ela terminar tu mijas que tu vais sair → *quando ela terminá tu mija que tu vai saí*
- vocês queimam a roça de vocês → *vocês queima a roça de vocês*
- nós tomamos chicha → *nós toma chicha*

*Troca da vogal temática /a/ por /e/ para marcar o passado*

- nós matamos → *noi matemu*
- quando nós nos ajuntamos → *quando noi se ajuntemu*
- até que nós nos largamos → *até noi se largemu*
- nós deixamos → *noi dexemu*

Dentre os fenômenos acima apresentados merecem destaque a não-redundância de concordância nominal de número e o uso de verbo na 3.a pessoa do singular com sujeito de 1.a e de 2.a pessoas, pois a presença destes fenômenos lingüísticos, como a marcação do número apenas no determinante, encontrados também em outras variedades do português (c.f. Braga, 1977; Nina, 1980; Scherre, 1978), confirma a hipótese de que o português com o qual os povos indígenas do Guaporé entraram em contato já possuía essas marcas que tanto podem ser características do português falado em nossa região como tendências gerais do português falado no Brasil. No português do Brasil, de um modo geral, há uma tendência à simplificação flexional, por ser redundante a flexão dos nomes e dos verbos. O falante elimina essa redundância, retendo a marca do plural apenas no termo determinante.

3.2 FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS PARTICULARES DO PORTUGUÊS DO P. I. GUAPORÉ:

3.2.1 Fonologia

*Troca do /l/ pelo /r/*

- esperando a hora de ele chegar → *isperando ora deri chegá*
- não podia colocar → *num podia corocá*

*Queda da fricativa palatal /ʃ/*

- um, dois, três → *um doi trei*
- mas assim mesmo eu saio → *mai assim mermo eu sai*
- o rapaz me convidou → *o rapai me convidô*
- nós brincamos → *noi brinca*

3.2.2 Morfossintaxe

*Omissão do artigo definido*

- abre a boca → *abre boca*
- a mãe dela dava conselho para ela → *mãe dela dava conselho pra ela*
- mataram a família dele → *mataro família dele*

*Não-concordância de gênero*

- mamãe estava buchuda → *mamãe tava buchudo*
- Ester está gorda e quando está gorda, já está cheia de novo → *Isté tá gordo e quando tá gordo, já tá cheio de novo*
- mulher ficava deitada → *mulhé ficava deitado*
- a professora → *o professora*

*Inversão de ordem não-observáveis no português ordinário*

- quantos filhos a Arlinda tem → quanto Arlinda tem filho
- o nome indígena dele é → nome dele indígena é

*Ausência de conectivos subordinativos*

- até que nós nos largamos → até nós largamos
- tá cheio de gente lá → tá cheio gente lá
- ele falou com a mãe dele → ele falou mãe dele
- onde será que eu vou guardar a farinha → onde será vou guardá farinha

Os fenômenos acima apresentados parecem ser particulares ao português falado na comunidade indígena em estudo. De um modo geral, esses fenômenos apresentam-se enquanto produtos lingüísticos mesclados.

Parece-nos que fenômenos fonológicos como a troca do /l/ pelo /r/ e a queda da fricativa palatal /ʃ/ se dão por influência das línguas nativas envolvidas no contato. Conforme os dados de que dispomos, os falantes que trocam o /l/ pelo /r/ e não realizam a fricativa palatal /ʃ/ são não-escolarizados que pertencem predominantemente às etnias Makorap e Jabuti; segundo a descrição feita por Pires (1992, p. 19) da língua Jabuti e a descrição feita por Braga (1992, p. 50) da língua Makorap, as consoantes /l/ e /ʃ/ não fazem parte do quadro consonântico destes idiomas. Assim sendo, a consoante lateral do português foi substituída pelo tepe alveolar comum nestas línguas. A queda da fricativa álveo-palatal na posição de coda é, a nosso ver, um processo de simplificação de sílaba também influenciado pelas características fonológicas das línguas nativas na medida em que constatamos que a língua jabuti não possui sílaba do tipo CVC ou VC (Pires, 1992, p. 41), ou seja, não permite consoantes na coda silábica, e a língua Makorap, embora possua sílaba dos tipos acima referidos, não admite esse tipo de segmento travando sílaba (Braga, 1992, p. 35). Além de não haver esse segmento na língua, os sons fricati-

vos existentes não ocupam a referida posição. Vale ressaltar ainda que os falantes que apresentam esses fenômenos são majoritariamente os velhos, testemunhas da época em que se deu o processo de aprendizagem e de formação dessa variedade de português.

Com relação aos fenômenos morfossintáticos, podemos levantar a mesma hipótese, apesar de não conhecermos todas as línguas do P. I. Guaporé. Mas, fenômenos como a ausência de distinção de gênero e a ausência de artigo definido são características encontradas na língua Makorap. O predomínio da parataxe pode advir da dificuldade que os falantes tiveram no início para lidar com as preposições e os conectivos do português, visto que em Makorap, por exemplo, não existem preposições e sim posposições e as partículas que corresponderiam funcionalmente às conjunções no português também são pospositivas. O último fenômeno a ser tratado é a inversão de ordem. Associamos esse fenômeno ao substrato lingüístico, sabendo previamente que a ordem dos sintagmas na maioria das línguas nativas que compõem o quadro de multilingüismo no P. I. Guaporé é diferente da ordem da língua portuguesa.

#### 4 O CONTÍNUO LINGÜÍSTICO

As características do português do P. I. Guaporé acima demonstradas não se apresentam de forma homogênea na comunidade de fala; fatores extralingüísticos contribuem para essa heterogeneidade, que, no entanto, pode ser sistematizada em estágios de fluência que configuram um contínuo lingüístico. Para compreender e explicar esse contínuo lingüístico procuramos estabelecer, à luz das origens históricas do português do P.I. Guaporé e com os subsídios da Teoria Sociolingüística, os fatores extralingüísticos que estariam em sua base. Os fatores pré-estabelecidos e posteriormente confirmados foram: sexo, idade, tipo de bilingüismo, escolaridade e grau de interação com pessoas de fora da comunidade (ver quadro abaixo).

Quadro de fatores extralingüísticos

1 – Sexo	Masculino Feminino
2 – Idade	Jovem Adulto Idoso
3 – Tipo de bilingüismo	Monolíngüe em português Bilíngüe
4 – Escolaridade	Escolarizados Não-escolarizados
5 – Grau de interação com pessoas de fora da comunidade	Mais intensa Menos intensa

Basicamente podem-se distinguir a partir dos dados disponíveis três estágios de fluência na comunidade indígena do P. I. Guaporé, que assim se caracterizam:

1º Estágio: *Ampla ocorrência de todos os fenômenos lingüísticos já enumerados.*

- Predominância de falantes que utilizam o português como língua de contato: bilíngües (língua-mãe indígena e português de contato) e multilíngües (língua-mãe indígena; Makorap, língua usada nas cerimônias; e português de contato).

- Predominância dos falantes adultos de idade mais avançada.
- Presença de crianças geralmente monolíngües em português.
- Predominância de não-escolarizados.
- Predominância de falantes com parcial ou esporádica interação com pessoas de fora da comunidade.

2º Estágio: - Média ocorrência dos fenômenos lingüísticos enumerados.

- Presença de falantes bilíngües em português e uma

língua indígena aprendidas paralelamente na infância e de falantes monolíngües em português.

- Predominância de falantes adultos.
- Presença de analfabetos e pessoas com pouca escolaridade (1º grau menor).
- Predominância de falantes com média interação com pessoas de fora da comunidade.

3º Estágio: - Menor ocorrência dos fenômenos lingüísticos enumerados.

- Predominância de falantes que têm o português como língua-mãe.
- Presença de bilíngües e monolíngües.
- Predominância de jovens e adultos.
- Predominância de falantes com o 1º grau maior incompleto.
- Predominância de falantes com freqüente interação com pessoas de fora da comunidade.

Observando a caracterização dos estágios acima, pode-se perceber que os fatores extralingüísticos mais importantes na formação do contínuo lingüístico são, em primeiro lugar, o grau de interação com pessoas de fora da comunidade e, em segundo lugar, a escolaridade. O sexo é um fator secundário que se encontra interligado ao grau de interação: os homens mais freqüentemente que as mulheres saíam do posto e mantinham maior contato com estranhos no início, fato que atualmente tende a se equilibrar. A idade é um fator secundário que se relaciona à escolaridade, pois, dentre os falantes dessa comunidade, são os jovens que freqüentam a escola.

O primeiro estágio, cuja característica básica é a ampla ocorrência de todos os fenômenos lingüísticos enumerados, possui uma curiosidade: a presença das crianças, que, tendo pouco contato com estranhos e possuindo pequena escolaridade, acabam por falar um português tão marcado quanto o dos pais e avós. Nesse estágio o português apresenta características simplificadoras



as mais intensas. No segundo estágio, já há ocorrência de um falar mais próximo do português regional que incorpora algumas regras variáveis como a de número. No 3.º estágio dá-se o ápice do contínuo. Vale ressaltar que as crianças assim que passam para a adolescência entram na escola, passam a manter contato com estranhos, tendem a perder gradativamente as marcas próprias do português referido no primeiro estágio.

## 5 CONCLUSÃO

Ao historiar a origem do português do P. I. Guaporé e analisar os fenômenos lingüísticos que nele se encontram, acabamos por reforçar a premissa de que o produto lingüístico resultante das situações de contato entre línguas é determinado pela história sociolingüística dos falantes. A aprendizagem de um português já carregado de características consideradas não-padrão bem como a influência das línguas nativas, fizeram com que se formasse um português com as características que vimos neste trabalho. Características essas que estão hoje presentes principalmente na fala dos velhos da comunidade, testemunhas e agentes daquele processo. À medida que se intensificou o contato dos povos indígenas do Guaporé com a língua portuguesa, originou-se um contínuo lingüístico que se encontra dividido em estágios de fluência, que nada mais são do que estágios de aprendizagem do português. Através deste estudo sobre a história do contato, podemos concluir que a comunidade indígena do Guaporé vem passando por um processo de mudança de código que se acelerou nos últimos anos. A cada ano que passa as línguas nativas são menos faladas e o português se aproxima mais do padrão regional; perdendo as características que o identificavam como língua de contato.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, Alzerinda de Oliveira. *A fonologia segmental e aspectos morfofonológicos da língua Makorap-tupi*. Campinas, 1992. Dissertação (Mestrado em Lingüística) UNICAMP.
- BRAGA, Maria Luiza. *A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro*. Rio de Janeiro, 1977. (Mestrado em Lingüística) Departamento de Letras, PUC.
- CASPAR, Franz. A aculturação da tribo Tupari. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 145-71, 1957.
- EMERICH, Charlotte. O português de contato no parque indígena do Xingu, Mato Grosso, Brasil Central. *Estudos*. Rio de Janeiro, n. 13, p. 57-90, 1992.
- MEIRELES, Denise Maldi. O complexo cultural do Marico: sociedades indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do médio Guaporé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi — Antropologia*. Belém, v. 7, n. 2, p. 209-69, 1991.
- NINA, Terezinha de Jesus Carvalho. *Concordância Nominal/Verbal do analfabeto da micro região bragantina*. Rio Grande do Sul, 1980. Dissertação (Mestrado) PUC.
- PIRES, Nádia Nascimento. *Estudo da Gramática da língua Jeoromitxi (Jabuti) — Aspectos sintáticos das cláusulas matrizes*. Campinas, 1992. Dissertação (Mestrado) UNICAMP.
- RODRIGUES, Aryon D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.
- SCHERRE, Maria Marta. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Lingüística-PUC, Departamento de Letras, 1978.
- SCOLNIK, Rosa. Observaciones sobre el estado sanitario de algunas tribus del Brasil Central. *América Indígena*. México, v. 15, n. 2, p. 89-96, 1955.
- SILVA, Jaqueline B. *O português do P. I. Guaporé*. Belém, 1995. Trabalho de Conclusão de Curso — UFPA.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos et al. *Sete estudos sobre o português kamaiurá*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988.
- THOMASON, Sarah Grey, KAUFMAN, Terrence. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley/ Los Angeles/London: University of California Press, 1988.